

AFYA CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO LUCAS – PORTO VELHO
CURSO ENFERMAGEM

USO INTEGRADO DE REDES SOCIAIS E MATERIAIS EDUCATIVOS COMO ESTRATÉGIA
INOVADORA DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA O ENFRENTAMENTO DA DESINFORMAÇÃO NA
COMUNIDADE DE PORTO VELHO – RO

INTEGRATED USE OF SOCIAL MEDIA AND EDUCATIONAL MATERIALS AS AN INNOVATIVE
HEALTH EDUCATION STRATEGY TO COMBAT MISINFORMATION IN THE COMMUNITY OF
PORTO VELHO – RO

LISBOA, Ian Caio Lacerda¹; CAMPOS, Inaê Bárbara Oliveira¹; RIBEIRO, Ingrid
Frota¹; COSTA, Natália Cavalcante Coutinho da¹; MORAES, Thais Pinto¹; LISBOA, Ian
Caio Lacerda²; TEIXEIRA, Helton Camilo².

¹Acadêmicos(as) do Curso de Enfermagem do Centro Universitário São Lucas.

²Professor orientador do Curso de Enfermagem do Centro Universitário São Lucas.

RESUMO: A desinformação em saúde constitui um desafio crescente para a sociedade, especialmente diante da rápida disseminação de informações falsas em redes sociais e meios digitais. Nesse contexto, desenvolveu-se o projeto “Saúde sem Mitos: Educação em Saúde para Combate à Desinformação na Comunidade de Porto Velho – RO”, com o objetivo de promover a conscientização sobre a importância do acesso a informações confiáveis em saúde, fortalecendo o pensamento crítico e incentivando práticas preventivas baseadas em evidências científicas. Trata-se de um relato de experiência realizado por acadêmicos do curso de Enfermagem do Centro Universitário São Lucas, no Espaço Alternativo de Porto Velho. As

ações ocorreram de forma presencial e digital, incluindo distribuição de materiais educativos, abordagem direta ao público, esclarecimento de dúvidas e divulgação de conteúdos informativos em redes sociais. Os resultados demonstraram que a intervenção alcançou diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade, promovendo troca de conhecimentos entre a equipe e a comunidade. Observou-se boa receptividade dos participantes e interesse em compreender temas relacionados à prevenção, automedicação e fake news em saúde. As ações contribuíram para ampliar o acesso à informação segura, estimular hábitos saudáveis e fortalecer o vínculo entre a comunidade e os serviços de saúde. Conclui-se que estratégias educativas acessíveis e dinâmicas apresentam impacto positivo na promoção da saúde e no combate à desinformação, além de fortalecerem a formação acadêmica e profissional dos estudantes envolvidos.

Palavras-chave: Comunidade; Desinformação; Educação em Saúde; Fake News; Redes Sociais;

1. INTRODUÇÃO

A desinformação em saúde configura-se como um dos principais desafios para a saúde pública contemporânea, especialmente diante da ampla expansão das tecnologias digitais e das redes sociais, que favorecem a produção, o compartilhamento e a rápida disseminação de informações, muitas vezes sem respaldo científico. Nesse contexto, destaca-se o fenômeno da infodemia, definido como o excesso de informações — verdadeiras ou falsas — que circulam simultaneamente, dificultando o acesso da população a fontes confiáveis e comprometendo a tomada de decisões relacionadas à saúde (1).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece a infodemia como um importante problema de saúde pública, uma vez que a circulação de conteúdos enganosos pode influenciar comportamentos individuais e coletivos, reduzir a confiança nas instituições de saúde e comprometer a efetividade das ações de prevenção, promoção e controle de doenças (1). Durante emergências sanitárias, como a pandemia de COVID-19, observou-se que a propagação de informações falsas ocorreu em velocidade semelhante à disseminação da própria doença, ampliando seus impactos sobre a população.

A infodemia não se restringe à circulação de notícias falsas, mas engloba um cenário complexo marcado pelo excesso de informações disponíveis, pela dificuldade de verificar a credibilidade das fontes e pela rápida disseminação de conteúdos em ambientes digitais. Nesse

contexto, informações corretas coexistem com conteúdos distorcidos, opiniões pessoais e interpretações equivocadas, tornando desafiador para a população identificar evidências científicas confiáveis. Esse excesso informacional favorece a sobrecarga cognitiva dos indivíduos, dificultando a compreensão das recomendações em saúde e influenciando negativamente a tomada de decisões relacionadas ao autocuidado e à prevenção de doenças (9,10).

Além disso, a dinâmica das plataformas digitais potencializa esse fenômeno por meio de algoritmos que priorizam conteúdos com elevado potencial de interação, independentemente de sua qualidade científica. Dessa forma, informações sensacionalistas ou emocionalmente apelativas tendem a alcançar maior visibilidade e compartilhamento do que conteúdos produzidos por instituições de saúde e pesquisadores. Como consequência, amplia-se a exposição da população a informações imprecisas, fortalecendo crenças equivocadas e reduzindo a confiança em recomendações fundamentadas em evidências (6,13).

Outro aspecto relevante da infodemia refere-se às desigualdades no acesso e na compreensão das informações em saúde. Fatores como escolaridade, letramento em saúde, condições socioeconômicas e acesso às tecnologias digitais influenciam diretamente a capacidade das pessoas de avaliar criticamente as informações recebidas. Nesse sentido, grupos com menor alfabetização em saúde tornam-se mais suscetíveis à desinformação, reforçando a necessidade de estratégias educativas permanentes que promovam o desenvolvimento do pensamento crítico e estimulem a consulta a fontes oficiais e cientificamente reconhecidas (5,16).

Dessa forma, o enfrentamento da infodemia exige ações integradas que envolvam comunicação científica acessível, fortalecimento da alfabetização em saúde e participação ativa dos profissionais de saúde na produção e disseminação de informações confiáveis. Essas estratégias contribuem não apenas para reduzir os impactos da desinformação, mas também para fortalecer a autonomia dos indivíduos e ampliar sua capacidade de tomar decisões conscientes sobre sua própria saúde, favorecendo a promoção da saúde e a prevenção de agravos (1,4).

Nesse cenário, as fake news relacionadas às vacinas, medicamentos, tratamentos alternativos e medidas preventivas representam um fator de risco para a saúde coletiva. A disseminação dessas informações pode favorecer práticas inadequadas, como a automedicação, a interrupção de tratamentos prescritos, a baixa adesão à vacinação e o abandono de medidas preventivas baseadas em evidências científicas, aumentando a vulnerabilidade da população e dificultando o enfrentamento de agravos em saúde (2).

Além dos impactos clínicos, a desinformação interfere na relação entre profissionais de saúde e usuários dos serviços, favorecendo a desconfiança em relação às recomendações técnicas e às políticas públicas de saúde. Nesse sentido, combater a infodemia exige estratégias que ultrapassem a simples correção de informações falsas, envolvendo ações permanentes de educação em saúde, comunicação científica acessível e fortalecimento da alfabetização em saúde da população (3).

A educação em saúde constitui uma estratégia essencial para aproximar o conhecimento científico da comunidade, promovendo o desenvolvimento da autonomia, do pensamento crítico e da capacidade de avaliar a confiabilidade das informações disponíveis. Sob essa perspectiva, as práticas educativas devem ser dialógicas, participativas e contextualizadas, possibilitando a construção compartilhada do conhecimento e o fortalecimento da cidadania em saúde (3).

Nesse processo, os profissionais de enfermagem desempenham papel estratégico por atuarem diretamente na promoção da saúde, prevenção de doenças e orientação da população. O Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) destaca que a disseminação de notícias falsas sobre saúde influencia diretamente as decisões dos cidadãos, tornando indispensável a atuação dos enfermeiros na educação em saúde, na comunicação baseada em evidências e no esclarecimento de informações equivocadas (2).

Diante dessa realidade, torna-se necessária a realização de ações educativas que estimulem o acesso a informações seguras, fortaleçam o pensamento crítico e incentivem práticas de autocuidado fundamentadas em evidências científicas. Nessa perspectiva, foi desenvolvido o projeto "Saúde sem Mitos: Educação em Saúde para Combate à Desinformação na Comunidade de Porto Velho – RO", realizado por acadêmicos do curso de Enfermagem do Afya Centro Universitário São Lucas – Porto Velho/RO, no Espaço Alternativo de Porto Velho/RO. O projeto teve como objetivo promover a conscientização da população acerca da importância da busca por informações confiáveis em saúde, contribuindo para o enfrentamento da desinformação, o fortalecimento da educação em saúde.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência, de natureza descritiva, com abordagem qualitativa, desenvolvido no âmbito da disciplina Projeto de Extensão IV do curso de Enfermagem do Afya Centro Universitário São Lucas, em Porto Velho, Rondônia. A atividade extensionista teve

como propósito desenvolver ações de educação em saúde voltadas ao enfrentamento da desinformação em saúde, estimulando a população a reconhecer informações falsas, buscar fontes confiáveis e adotar práticas fundamentadas em evidências científicas.

O planejamento da ação ocorreu em etapas previamente definidas, iniciando-se pela escolha da temática, realização de reuniões entre os integrantes do projeto, definição dos objetivos e do local da intervenção, divisão das atribuições e elaboração do cronograma de execução. Também foram discutidas estratégias de comunicação em saúde que possibilitassem a aproximação entre o conhecimento científico e a comunidade, considerando aspectos socioculturais, a linguagem acessível e as principais dúvidas e mitos frequentemente disseminados entre a população.

Durante essa fase, realizou-se levantamento bibliográfico em bases científicas e em documentos oficiais do Ministério da Saúde, da Organização Mundial da Saúde e da Organização Pan-Americana da Saúde, com o objetivo de garantir que todas as informações utilizadas nas ações educativas estivessem fundamentadas em evidências científicas atualizadas. Essa etapa foi essencial para subsidiar a elaboração dos materiais educativos e orientar a equipe quanto às principais recomendações relacionadas ao enfrentamento da desinformação em saúde.

Além da revisão da literatura, foram promovidas reuniões de capacitação entre os acadêmicos participantes, nas quais foram discutidas técnicas de comunicação em saúde, estratégias para abordagem da população e formas de conduzir o diálogo de maneira acolhedora, ética e participativa. Buscou-se preparar a equipe para responder aos questionamentos dos participantes utilizando linguagem clara, objetiva e compatível com os diferentes níveis de escolaridade, favorecendo a compreensão das orientações e estimulando a participação ativa da comunidade durante a intervenção.

Também foram definidos os recursos materiais necessários para a execução da atividade, incluindo a elaboração dos conteúdos digitais, confecção dos panfletos educativos, organização dos equipamentos utilizados e planejamento da logística da ação. A distribuição das responsabilidades entre os integrantes permitiu otimizar o desenvolvimento das atividades, garantindo que todas as etapas fossem executadas de forma organizada e integrada.

O planejamento contemplou ainda a definição das estratégias de avaliação da atividade extensionista, por meio da observação da participação da comunidade, do registro das principais dúvidas apresentadas pelos participantes e das percepções da equipe durante a intervenção. Esses registros possibilitaram analisar o desenvolvimento das ações, identificar aspectos positivos e limitações da experiência e subsidiar a elaboração do presente relato, contribuindo

para o aprimoramento de futuras iniciativas de educação em saúde voltadas ao enfrentamento da infodemia e da desinformação.

A intervenção foi realizada no Espaço Alternativo de Porto Velho – RO, escolhido por constituir um dos principais locais públicos destinados ao lazer, prática de atividades físicas e convivência social da população porto-velhense, apresentando intenso fluxo de pessoas de diferentes faixas etárias, especialmente no período noturno e aos finais de semana. Essa característica favoreceu o desenvolvimento das ações educativas e ampliou o alcance das orientações prestadas à comunidade

Como etapa inicial, realizou-se um diagnóstico situacional por meio da aplicação de um questionário estruturado. O instrumento continha perguntas relacionadas às formas de obtenção de informações em saúde, à verificação da veracidade das informações recebidas, ao hábito de compartilhar conteúdos antes de confirmar sua autenticidade e à capacidade dos participantes em identificar notícias falsas. Esse levantamento permitiu compreender o perfil do público e direcionar as estratégias educativas para as principais necessidades identificadas.

A aplicação do questionário ocorreu antes do início das orientações educativas, permitindo que a equipe identificasse os conhecimentos prévios, as principais dificuldades e os comportamentos dos participantes em relação à busca e ao compartilhamento de informações sobre saúde. As respostas obtidas possibilitaram reconhecer quais temas despertavam maior interesse da comunidade e quais aspectos necessitavam de maior esclarecimento durante a intervenção, favorecendo a elaboração de abordagens mais direcionadas e compatíveis com a realidade local.

O diagnóstico situacional também possibilitou identificar a influência das redes sociais e dos aplicativos de mensagens como principais meios de acesso às informações em saúde, evidenciando a necessidade de orientar os participantes quanto à importância da verificação da confiabilidade das fontes consultadas. A partir dessa análise, as ações educativas foram estruturadas para estimular o pensamento crítico, apresentar ferramentas para identificação de conteúdos confiáveis e incentivar a consulta a canais oficiais, como os disponibilizados pelo Ministério da Saúde e pela Organização Mundial da Saúde.

Além de subsidiar o planejamento das atividades, o levantamento inicial permitiu estabelecer maior aproximação entre a equipe extensionista e a comunidade, favorecendo um ambiente de diálogo e participação ativa. A escuta das experiências, dúvidas e percepções dos participantes contribuiu para tornar as orientações mais contextualizadas, fortalecendo a comunicação em saúde e promovendo uma troca de conhecimentos entre os acadêmicos e a população. Como estratégia de educação em saúde, foi criado um perfil no Instagram destinado

exclusivamente à divulgação de conteúdos científicos em linguagem acessível. Durante a execução do projeto foram realizadas doze publicações semanais, programadas para horários de maior alcance da plataforma, buscando ampliar a interação com a comunidade.

A primeira publicação apresentou o projeto, seus objetivos e sua importância para o enfrentamento da desinformação em saúde. A segunda apresentou a equipe responsável pelas atividades extensionistas. Na terceira publicação foram abordados os conceitos de mito, fake news e desinformação em saúde, além de orientações sobre como identificar informações confiáveis e indicação de fontes oficiais para consulta, como o Ministério da Saúde e a Organização Mundial da Saúde.

As demais publicações tiveram como finalidade desmistificar crenças populares frequentemente compartilhadas pela população. Foram abordados temas como o uso de moedas sobre o umbigo de recém-nascidos, formas de transmissão da gripe, cuidados adequados em casos de queimaduras, riscos da automedicação e do uso indiscriminado de medicamentos, mitos relacionados à vacinação, desinformações envolvendo pessoas vivendo com HIV, mitos sobre neurodiversidade, informações equivocadas sobre emagrecimento e a importância da realização periódica de consultas médicas e exames preventivos (check-up).

Todos os materiais digitais foram desenvolvidos, pelo aplicativo canva, utilizando linguagem simples, objetiva e de fácil compreensão, com elementos visuais atrativos, ilustrações e cores que favorecessem a leitura e despertassem o interesse do público. Buscou-se traduzir informações científicas para uma linguagem compatível com diferentes níveis de escolaridade, facilitando a compreensão e incentivando o pensamento crítico. Ao final de cada publicação foram disponibilizadas referências confiáveis.

Além das publicações digitais, foram confeccionados 50 panfletos educativos, os quais foram impressos em uma copiadora e distribuídos durante a ação presencial. O material gráfico foi desenvolvido com o auxílio de um aplicativo baseado em inteligência artificial (IA), utilizado como ferramenta de apoio para a organização do layout, escolha dos elementos visuais e elaboração do design, tornando o material mais atrativo e de fácil compreensão para o público-alvo.

Os conteúdos abordaram os mesmos temas apresentados nas redes sociais, porém de maneira resumida, objetiva e ilustrativa, permitindo rápida leitura e assimilação das informações. Buscou-se utilizar linguagem simples, recursos gráficos coloridos, ícones e ilustrações que despertassem o interesse dos participantes e facilitassem a compreensão das mensagens educativas por pessoas de diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade. Todo o

material foi elaborado com base em evidências científicas atualizadas e adaptado à realidade da comunidade.

A ação presencial foi realizada no dia 16 de abril de 2026, às 19 horas, no Espaço Alternativo de Porto Velho. Durante a atividade, os acadêmicos realizaram abordagens individuais e coletivas, distribuíram os materiais educativos, esclareceram dúvidas da população e promoveram diálogos sobre a importância da verificação das informações antes de compartilhá-las, enfatizando o papel da educação em saúde no enfrentamento da desinformação. A metodologia utilizada priorizou a comunicação dialógica, permitindo que os participantes compartilhassem suas experiências, crenças e dúvidas, favorecendo uma troca de conhecimentos entre acadêmicos e comunidade.

Ao término da intervenção, foram realizados registros fotográficos e anotações, contemplando as percepções da equipe sobre a participação da população, os principais questionamentos levantados, as dificuldades encontradas e os aspectos positivos observados durante a atividade. Esses registros constituíram os principais instrumentos utilizados para a análise das experiências vivenciadas e subsidiaram a elaboração do presente relato de experiência.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A execução do projeto "Saúde sem Mitos: Educação em Saúde para Combater à Desinformação na Comunidade de Porto Velho – RO" possibilitou uma interação significativa entre os acadêmicos de Enfermagem e a comunidade, favorecendo a disseminação de informações qualificadas em saúde, o esclarecimento de dúvidas frequentes e o fortalecimento do pensamento crítico dos participantes. As ações desenvolvidas, tanto no ambiente presencial quanto no digital, contemplaram indivíduos de diferentes faixas etárias, níveis de escolaridade e contextos sociais, ampliando o alcance das atividades educativas e contribuindo para a democratização do acesso ao conhecimento científico.

Durante a intervenção realizada no Espaço Alternativo de Porto Velho observou-se boa receptividade por parte da população, com participação ativa nas orientações e interesse em discutir temas relacionados à vacinação, prevenção de doenças, automedicação, uso racional de medicamentos, doenças infecciosas e identificação de notícias falsas. Muitos participantes relataram utilizar as redes sociais como principal fonte de informações sobre saúde, porém demonstraram dificuldades para identificar conteúdos confiáveis e distinguir informações baseadas em evidências de notícias falsas compartilhadas em aplicativos de mensagens e plataformas digitais. Esse achado evidencia que o acesso à informação, por si só, não garante

conhecimento qualificado, reforçando a necessidade de desenvolver competências relacionadas à alfabetização em saúde e ao pensamento crítico.

Os resultados observados são compatíveis com estudos que demonstram que a elevada circulação de informações nas mídias digitais favorece a propagação de conteúdos sem respaldo científico, influenciando diretamente as decisões relacionadas ao autocuidado e à utilização dos serviços de saúde. A infodemia constitui um fenômeno que ultrapassa a simples divulgação de notícias falsas, envolvendo fatores sociais, culturais e tecnológicos que interferem na construção do conhecimento da população e exigem estratégias permanentes de educação em saúde e comunicação científica acessível (1–4).

A utilização do Instagram como ferramenta complementar às atividades presenciais mostrou-se uma estratégia eficaz para ampliar o alcance das ações educativas. As doze publicações desenvolvidas permaneceram disponíveis para consulta após a intervenção, permitindo que as informações fossem compartilhadas continuamente e alcançassem pessoas que não participaram da atividade presencial. Essa característica amplia o potencial das redes sociais como instrumentos de promoção da saúde, uma vez que possibilitam a disseminação rápida de conteúdos educativos, favorecem a interação entre profissionais e comunidade e contribuem para a construção de ambientes digitais mais seguros do ponto de vista informacional (13).

Entretanto, a experiência também evidenciou que as redes sociais apresentam caráter ambivalente. Ao mesmo tempo em que favorecem a democratização do conhecimento científico, constituem importantes meios de disseminação de desinformação, especialmente quando conteúdos sem fundamentação são compartilhados em larga escala por influenciadores digitais, grupos de mensagens instantâneas e páginas sem credibilidade científica. Dessa forma, o enfrentamento da desinformação não depende apenas da produção de conteúdos corretos, mas também da capacidade da população em avaliar criticamente as informações recebidas, identificar fontes confiáveis e verificar a veracidade das informações antes de compartilhá-las (13,14).

A permanência dessas crenças evidencia que o processo de construção do conhecimento em saúde é influenciado por fatores culturais, familiares e sociais, que moldam a forma como os indivíduos interpretam informações e adotam práticas de cuidado. Muitas dessas concepções são transmitidas entre gerações e encontram-se profundamente enraizadas no cotidiano das famílias, constituindo parte importante de sua identidade cultural. Dessa forma, a adoção de uma postura impositiva por parte dos profissionais de saúde pode gerar resistência e comprometer a efetividade das ações educativas. Em contrapartida, estratégias fundamentadas

no diálogo, na escuta qualificada e no respeito aos saberes populares favorecem o estabelecimento de vínculos de confiança e estimulam a participação ativa da comunidade no processo de construção do conhecimento em saúde.

Sob essa perspectiva, a educação em saúde deve ser compreendida como um processo contínuo de troca de experiências entre profissionais e comunidade, no qual o conhecimento científico não substitui os saberes populares, mas dialoga com eles de maneira crítica e respeitosa. Essa abordagem possibilita identificar práticas culturais que podem ser mantidas por não oferecerem riscos à saúde e, ao mesmo tempo, desconstruir crenças que possam comprometer o cuidado, utilizando argumentos fundamentados em evidências científicas e linguagem acessível. Assim, o enfermeiro assume o papel de mediador desse processo educativo, promovendo o fortalecimento da autonomia dos indivíduos e contribuindo para a adoção de práticas de saúde mais seguras e conscientes (17).

Sob essa perspectiva, a literatura destaca que a educação em saúde baseada em metodologias participativas favorece maior envolvimento dos usuários, fortalece o vínculo entre profissionais e comunidade e amplia a capacidade das pessoas de exercerem autonomia nas decisões relacionadas ao cuidado. A comunicação dialógica permite que dúvidas, experiências e crenças sejam discutidas coletivamente, aumentando a efetividade das intervenções educativas e contribuindo para o desenvolvimento da alfabetização em saúde (15).

A experiência extensionista também produziu impactos significativos na formação acadêmica dos estudantes envolvidos. A necessidade de traduzir conteúdos científicos para uma linguagem simples, planejar estratégias educativas, utilizar ferramentas digitais e dialogar diretamente com a comunidade possibilitou o desenvolvimento de competências relacionadas à comunicação em saúde, educação permanente, trabalho em equipe, liderança, escuta qualificada e humanização da assistência. Essas competências constituem elementos essenciais para a atuação do enfermeiro na Atenção Primária à Saúde, especialmente diante do crescente desafio representado pela circulação de desinformação nos ambientes digitais.

A participação ativa nas atividades extensionistas também favoreceu o desenvolvimento do raciocínio crítico e da capacidade de tomada de decisão dos acadêmicos, uma vez que as abordagens realizadas exigiam a adaptação das orientações às necessidades, dúvidas e características socioculturais de cada participante. Esse processo possibilitou aos estudantes compreender que a educação em saúde deve ser construída de forma participativa, respeitando os conhecimentos prévios da população e valorizando o diálogo como instrumento para a promoção da saúde e a prevenção de agravos.

Outro aspecto relevante foi o fortalecimento da integração entre ensino, pesquisa e extensão, permitindo que os conhecimentos adquiridos durante a graduação fossem aplicados em situações reais da prática profissional. A vivência junto à comunidade contribuiu para a consolidação dos conteúdos teóricos relacionados à promoção da saúde, comunicação em saúde e educação permanente, além de estimular a busca contínua por evidências científicas que subsidiassem as orientações fornecidas durante a intervenção. Essa articulação entre teoria e prática representa um dos pilares da formação em Enfermagem, favorecendo a construção de profissionais mais críticos, reflexivos e comprometidos com a qualidade da assistência.

A utilização das tecnologias digitais como ferramenta complementar às ações presenciais também proporcionou aos acadêmicos o desenvolvimento de competências relacionadas à produção e disseminação de conteúdos científicos em ambientes virtuais. Considerando que as redes sociais têm se consolidado como importantes fontes de informação para a população, torna-se indispensável que futuros profissionais de saúde estejam preparados para utilizar esses recursos de maneira ética, responsável e fundamentada em evidências, contribuindo para o enfrentamento da desinformação e para a ampliação do acesso da sociedade a informações confiáveis.

Além do desenvolvimento técnico-científico, a experiência fortaleceu competências socioemocionais, como empatia, responsabilidade social, comunicação interpessoal e sensibilidade para compreender as necessidades da comunidade. O contato direto com a população permitiu aos estudantes reconhecer os desafios enfrentados pelos usuários na busca por informações em saúde e compreender a importância do enfermeiro como agente educador e promotor do cuidado. Dessa forma, a participação no projeto extensionista contribuiu para uma formação mais humanizada, ética e comprometida com os princípios do Sistema Único de Saúde, reforçando a responsabilidade social da universidade na formação de profissionais capazes de responder às demandas contemporâneas da saúde pública.

Entre as potencialidades observadas destacam-se o elevado fluxo de pessoas no local da intervenção, a boa receptividade da comunidade, a integração entre estratégias presenciais e digitais, a utilização de linguagem acessível e recursos visuais atrativos, além da permanência dos conteúdos publicados nas redes sociais, permitindo acesso contínuo às informações produzidas pelo projeto.

Por outro lado, algumas limitações também foram identificadas. O tempo reduzido de abordagem durante a ação presencial restringiu o aprofundamento das discussões com parte dos participantes. Além disso, a desconstrução de crenças fortemente enraizadas mostrou-se um

processo complexo, que demanda ações educativas contínuas e não intervenções pontuais. Soma-se a isso a velocidade com que informações falsas são produzidas e compartilhadas nas plataformas digitais, representando um desafio permanente para os profissionais de saúde e para as instituições responsáveis pela comunicação em saúde.

De modo geral, verificou-se que os objetivos propostos pelo projeto foram alcançados, uma vez que as atividades desenvolvidas contribuíram para ampliar o acesso da população a informações seguras, estimular o pensamento crítico frente aos conteúdos disseminados nas redes sociais e incentivar práticas preventivas fundamentadas em evidências científicas. Os resultados reforçam que a educação em saúde, associada ao uso responsável das tecnologias digitais e à comunicação científica acessível, constitui uma estratégia indispensável para o enfrentamento da desinformação em saúde, fortalecendo a autonomia dos indivíduos, a promoção da saúde e o vínculo entre comunidade, profissionais e serviços de saúde.

4. CONCLUSÃO

O projeto "Saúde sem Mitos: Educação em Saúde para Combater à Desinformação na Comunidade de Porto Velho – RO" evidenciou o potencial das ações extensionistas como instrumento de promoção da saúde, ao aproximar o conhecimento científico da população por meio de estratégias educativas acessíveis e adaptadas à realidade local. A utilização integrada de atividades presenciais e recursos digitais possibilitou ampliar a disseminação de informações baseadas em evidências, favorecendo o esclarecimento de dúvidas e estimulando a reflexão crítica sobre os conteúdos relacionados à saúde compartilhados nos meios de comunicação e nas redes sociais.

No âmbito da formação acadêmica, a experiência contribuiu para o desenvolvimento de competências essenciais ao exercício profissional da Enfermagem, como planejamento, comunicação em saúde, educação permanente, trabalho em equipe, liderança, tomada de decisão e interação com a comunidade. A participação no projeto também proporcionou aos acadêmicos maior compreensão sobre a importância do enfermeiro como educador em saúde e agente de transformação social, fortalecendo a articulação entre ensino, pesquisa, extensão e necessidades da população.

Entre as limitações identificadas, destacam-se o curto período destinado à intervenção presencial, que restringiu a possibilidade de acompanhamento contínuo dos participantes e de avaliação do impacto das orientações no longo prazo. Além disso, observou-se que crenças culturais e informações incorretas amplamente difundidas nos meios digitais constituem

desafios permanentes para as ações de educação em saúde, demandando estratégias contínuas e articuladas entre instituições de ensino, serviços de saúde e comunidade.

Diante desse cenário, recomenda-se a continuidade e ampliação de projetos de extensão com foco no enfrentamento da desinformação em saúde, incorporando diferentes tecnologias de comunicação, estratégias educativas participativas e ações interdisciplinares. Também se destaca a importância de desenvolver mecanismos de avaliação do impacto dessas intervenções sobre o conhecimento, as atitudes e os comportamentos da população, possibilitando aperfeiçoar futuras ações educativas.

Além disso, é fundamental fortalecer a articulação entre instituições de ensino superior, serviços de saúde, órgãos governamentais e comunidade, de modo a construir estratégias permanentes de educação em saúde capazes de responder às constantes transformações dos ambientes digitais. A integração entre esses diferentes atores favorece a produção e a disseminação de informações baseadas em evidências científicas, amplia o alcance das ações educativas e contribui para o fortalecimento da confiança da população nas recomendações dos profissionais e das instituições de saúde.

Considerando a velocidade com que novas informações são produzidas e compartilhadas, torna-se indispensável que as ações de enfrentamento à desinformação sejam contínuas e adaptadas às mudanças nos meios de comunicação. Nesse contexto, a utilização ética e responsável das tecnologias digitais, aliada ao desenvolvimento da alfabetização em saúde, representa uma estratégia promissora para reduzir os impactos da infodemia e promover maior autonomia da população na busca, interpretação e utilização das informações relacionadas ao cuidado em saúde.

Conclui-se que iniciativas voltadas à educação em saúde representam ferramentas fundamentais para o fortalecimento da promoção da saúde, da prevenção de doenças e da alfabetização em saúde da população. Ao incentivar o acesso a fontes confiáveis e estimular a análise crítica das informações, projetos dessa natureza contribuem para a formação de cidadãos mais conscientes e autônomos, fortalecendo a relação entre universidade, serviços de saúde e sociedade e reafirmando o compromisso social da Enfermagem com a construção de uma assistência baseada em evidências científicas.

Os resultados desta experiência demonstram que ações extensionistas constituem importantes espaços de aprendizagem, tanto para a comunidade quanto para os acadêmicos, ao favorecerem a troca de conhecimentos e a construção coletiva de estratégias voltadas à promoção da saúde. Dessa forma, o projeto reafirma o papel da universidade como agente de transformação social e evidencia que o investimento em educação em saúde, comunicação

científica acessível e participação comunitária é essencial para enfrentar os desafios impostos pela desinformação. Espera-se que esta experiência possa incentivar o desenvolvimento de novas iniciativas e subsidiar futuras pesquisas sobre estratégias educativas capazes de fortalecer a alfabetização em saúde e contribuir para a consolidação de práticas assistenciais cada vez mais seguras, humanizadas e fundamentadas em evidências científicas.

5. REFERÊNCIAS

1. World Health Organization. *Infodemic* [Internet]. Geneva: WHO; [citado 2026 jul 3].

Disponível em: <https://www.who.int/health-topics/infodemic>

2. Brasil. Ministério da Saúde. *Saúde com Ciência completa 2 anos de atuação* [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; [citado 2026 mar 16]. Disponível em: <https://www.gov.br/saude>
3. Brasil. Ministério da Saúde. *Meu SUS Digital: informações e serviços digitais em saúde* [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; [citado 2026 abr 6]. Disponível em: <https://meususdigital.saude.gov.br/>
4. Conselho Federal de Enfermagem. *Infodemia: notícias falsas sobre saúde dominam redes sociais, induzem ao erro e desafiam autoridades* [Internet]. Brasília: COFEN; 2020 [citado 2026 jul 3]. Disponível em: <https://www.cofen.gov.br/infodemia-noticias-falsas-sobre-saude-dominam-redes-sociais-induzem-ao-erro-e-desafiam-autoridades/>
5. Teixeira ECF, Medeiros HP, Nascimento MHM, et al. Educação em saúde para enfrentamento da infodemia durante a pandemia de COVID-19. *Interface (Botucatu)*. 2021;25(Supl 1):e200806. doi:10.1590/interface.200806.
6. Moraes D, Castiel LD, Vasconcellos-Silva PR. COVID-19, desinformação e infodemia: reflexões para a saúde coletiva. *Ciênc Saúde Colet*. 2021;26(Supl 2):1879-1888. doi:10.1590/1413-8123202126supl21879.
7. Galhardi CP, Freire NP, Minayo MCS, Fagundes MCM. Fato ou fake? Desinformação em saúde no Brasil durante a pandemia. *Ciênc Saúde Colet*. 2020;25(Supl 2):4201-4210. doi:10.1590/1413-812320202510.2.28922020.
8. Oliveira WK, Duarte E, França GVA, Garcia LP. Como o Brasil pode deter a COVID-19: papel da comunicação em saúde. *Epidemiol Serv Saúde*. 2020;29(2):e2020044. doi:10.5123/S1679-49742020000200023.
9. Zarocostas J. How to fight an infodemic. *Lancet*. 2020;395(10225):676. doi:10.1016/S0140-6736(20)30461-X.

10. Eysenbach G. Infodemiology: The epidemiology of (mis)information. *Am J Med.* 2002;113(9):763-765. doi:10.1016/S0002-9343(02)01473-0.
11. Silva AS. *O impacto das redes sociais na promoção da saúde: desafios e oportunidades no cenário digital* [TCC]. Salgueiro (PE): IF Sertão; 2024. Disponível em: <https://releia.ifsertaope.edu.br/>
12. Iancheski K, Lima MP, et al. A infodemia no contexto pós-pandêmico: impactos da desinformação e estratégias na prática da enfermagem. *Rev Ibero-Am Humanidades Ciênc Educ.* 2026;12(5). doi:10.51891/rease.v12i5.26317.
13. Maia LFS, Vaz EM. Consequências negativas das notícias falsas na saúde da população. *Rev Recien.* 2023;13(41):949-956. doi:10.24276/rrecien2023.13.41.949-956.
14. Rosa T, Delduque MC, Alves SMC. A pandemia de COVID-19 e as fake news: revisão da literatura. *Saúde Soc.* 2023;32:e220918pt. doi:10.1590/S0104-12902023220918pt.
15. Ross JR, Safadi MAP, Marinelli NP, et al. Fake news e infodemia em tempos de COVID-19 no Brasil. *REME Rev Min Enferm.* 2021;25:e-1367. doi:10.5935/1415-2762.20210029.
16. Organização Pan-Americana da Saúde. *Entenda a infodemia e a desinformação na saúde* [Internet]. OPAS; 2020. Disponível em: <https://iris.paho.org/>
17. Iancheski K, Paula ME. Infodemia no contexto pós-pandêmico: enfermagem e comunicação em saúde. *Rev Educ Saúde.* 2025.